

Criar processos pastorais e missionários renovadores

André Luiz Bordignon-Meira ¹

Resumo: A mudança de época vivida (EG 52) e acelerada com a pandemia traz à Igreja e a sociedade inúmeros desafios para o mundo, e assim como no Brasil em relação com as suas questões: eclesiais, políticas, econômicas e sociais. Assim, a Igreja inspirada pela proposta “em saída” do Papa Francisco poderá iniciar e realizar passos concretos através de processos de renovação pastoral e missionária. Trata-se de compreender que a Igreja “em saída” com o seu movimento missionário deverá estar atenta e presente nas questões de fronteiras (Lc 10, 25-35), exigidas hoje, possibilitando a vivência continuada do Concílio Vaticano II, 50 anos após a sua realização (EG 26). Os princípios próprios do Papa Francisco conjugados com a sinodalidade são as chaves iniciais para esses processos renovadores da vida eclesial tão necessário para superar os desafios enfrentados pela pastoral, diante do clericalismo, do tradicionalismo, devocionismo e *commodities* sacramentais (EG 63) e outros que impedem a ação inovadora e evangelizadora do Espírito Santo no mundo contemporâneo. Desse modo, poderá criar processos de renovação missionária e pastoral transformadoras, revitalizando a Igreja no seu todo, através das comunidades de comunidades (DA 310; CNBB 100).

Palavras-chave: Igreja “em saída”; Pastoral; Comunidades de Comunidades

INTRODUÇÃO

A Igreja que sai para estreitar os laços é aquela que nutre a experiência de Deus comunitariamente e procura viver o novo privilegiado pelo Espírito Santo. As pequenas comunidades reunidas ao redor do Evangelho sinalizam claramente na sua oração e ação a necessidade de reconciliar as realidades feridas pela violência deformadora. Elas espalhadas pelo mundo testemunham a sua unidade, como na Trindade, unidas pelo vínculo do amor e da fraternidade como práxis encarnatória nas periferias reais e existenciais. O sopro do Espírito Santo leva a comunidade com a radicalidade da misericórdia ao encontro das vítimas da indiferença, da pobreza, do descrente e dos feridos existencialmente.

A comunhão eclesial através da fraternidade comunitária fortalece os passos da Igreja “em saída”, buscando e somando discernimentos pastorais e missionários como neste 1º Congresso de Teologia Pastoral. Os sinais dos tempos nos apontam e sopram com a força dos pulmões do Ressuscitado, a *ruah*, impelindo a Igreja se repensar com convicção corajosa, missionária e renovadora. Tratando-se do processo sinodal da escuta e da renovação eclesial, que acontece através das comunidades inseridas no mundo. Os caminhos e encontros serão diversos, contudo, a missão será a mesma em testemunhar com alegria e convicção o Evangelho do Reino.

A sinodalidade será o eixo motor que conduzirá a Igreja através do processo de escuta de si mesma, da realidade e do novo através do Espírito Santo. Caminhar juntos será o farol a iluminar os horizontes a serem percorridos pela Igreja como pequenas comunidades de fé,

1 Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: luzbordignon@gmail.com.

confirmando a unidade da Igreja na sua pluralidade. Os princípios bergoglianos do “tempo superior ao espaço”, a “unidade sobre o conflito”, “a ideia sobre a realidade” e “o todo sobre a parte”, possibilitarão a renovação eclesial através da transformação missionária em tempos desafiadores.

1 CRIAR E OUSAR ATRAVÉS DOS PROCESSOS.

O significado de ousar criativamente nos processos pastorais e missionários exige compreender os princípios bergoglianos, para passos fecundos da reforma transformadora necessária em nossos tempos. Esses princípios bergoglianos elencados em quatro são: o tempo é superior ao espaço, a unidade prevalece sobre o conflito, a realidade sobre a ideia e o todo sobre a parte (BORGHESI, 2017, p. 30). O Papa Francisco propõe um caminho com esses princípios para uma renovação além de uma reforma eclesiástica ou canônica, e sim que permitam criar processos contínuos na Igreja diante dos sinais dos tempos. O Evangelho lido e vivenciado à luz do Espírito Santo possibilitará um caminho de descentralização e abertura ao diálogo *ad intra* e *ad extra*, dessa maneira, questionando as cristalizações burocráticas eclesiais e pastorais.

A proposta de novos processos transformadores detém o clericalismo causador do desequilíbrio entre o institucional e o carisma evangélico. O desafio de esfera eclesiológica estará em dar forma e limitar o poder clerical, que traz a tensão com o laicato na sua colaboração da missão da Igreja no mundo. A Igreja “em saída” foi o primeiro passo de iniciativa dada pelo Papa Francisco para esse processo renovador, através da profunda conversão pastoral transformando as mentalidades. Tratando-se de possibilitar o refletir da pastoral missionária nas estruturas eclesiais, com a paciência apostólica para não serem locais de conflitos, que obstaculizam a unidade eclesial. Aqui é possível pensar a prudência do Papa Francisco sobre *virī probati* no Sínodo da Amazônia, pois a sinodalidade aberta precisa criar a maturidade e discernimento para a práxis (QA 06).

A Igreja “em saída” não é fechada em si mesma, mas uma Igreja Samaritana pronta e disposta através da misericórdia curar com sua ânfora os caídos e feridos pelo caminho. Tratando-se de um processo pastoral que não está previsto nos manuais sacramentais ou planos pastorais, e sim na sinodalidade construída com a experiência encarnada do Evangelho. A palavra da hierarquia eclesial não será a última, mas sim a primeira a se pôr a escutar e possibilitar novas estruturas. Significando a conversão missionária e o se deixar ser conduzida pelo Espírito Santo.

O paradigma desse caminho de novos processos está apontado na *Evangelii Gaudium*:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que

a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. (EG 27)

2 O SIGNIFICADO DA SINODALIDADE PARA A REFORMA TRANSFORMADORA “EM SAÍDA”

O sentido desses processos precisa ser evangélico e com bases sólidas para uma reforma profundamente renovadora, aberta as possibilidades de novos espaços dentro dos limites da paciência histórica. As Igrejas locais com suas comunidades de fé poderão criar os meios que permitam romper os limites do espaço através do tempo. Desta maneira, as tensões não se tornam resultado da impaciência de busca de resultados imediatos (LS 178). O frutificar desse processo estará em criar, ativar e construir um dinamismo participativo.

Outro aspecto considerável é de não se ignorar o conflito existente e nem de se fechar nele, ao contrário, a unidade no Evangelho e suas exigências concretas permitirão a estrutura eclesial meios de diálogo que se transformem em novos processos. O Cristo ressuscitado é o reconciliador do mundo através da sua cruz (1Col 1,20), e no envio do seu Espírito Santo (Jo 20,22) harmoniza todas as adversidades mostrando o novo. A realidade deste processo ao enfrentar as questões latentes possibilitará discutir a ideia, evitando que a renovação eclesial caía em sofismas. O diálogo fará a ideia se pôr a serviço da compreensão que fecunde a realidade. A instituição com suas ideias normativas se torna limitada e ambígua, se tornando um perigo de discussões infrutíferas e distante do Evangelho.

Essas iniciativas da Igreja “em saída” através dos processos transformadores encontram as suas dificuldades, mas sem descuidar da sua memória histórica olhar e ir em direção ao futuro. Tratando-se de ir além de “uma pintura nas paredes” da Igreja, e sim de proporcionar a dinâmica sinodal, continuando os horizontes teológicos do Concílio Vaticano II como o *sensus fidei*, a colegialidade e a escuta do Povo de Deus nas suas bases eclesiais. A fecundidade do Espírito fará a norma eclesiástica dar lugar ao Evangelho, proporcionando sair da esterilidade burocrática para o testemunho da verdadeira doutrina de Cristo, pois “pareceu bom para o Espírito Santo e para nós” (At 15, 28).

O empenho da Igreja deve ser sempre na dinâmica samaritana que nas duas passagens bíblicas de Lc 10, 25-37 e Jo 4,1-29 convidam a pensar a proximidade com a sociedade ferida e descontraída. Esse cuidado tem a sua grande motivação na encarnação do Cristo, possibilitando relações horizontais de fraternidade e solidariedade, ao invés da verticalidade clericalizada. A imagem da Igreja samaritana pelo diálogo e a compaixão misericordiosa, permite renovar e reavivar a esperança divina que se encarnou. Os segmentos eclesiais que se apegam a devoções com posições reacionárias e refratárias não estão dispostos em sair para curar as

diversas feridas abertas como a violência moral, social e das relações que tiram a vida da sua plenitude (EG 70). O rumo da Igreja “tradicionalista” e mercadológica é de se preocupar com as coisas da religião, permanecendo na inércia que obstaculiza cuidar, dialogar, ver e sentir compaixão do próximo.

A tarefa de cuidar das coisas da religião impede desde os altos clérigos mitrados até os fiéis devocionistas poderem olhar as feridas da injustiça, da fome, da miséria, do desprezo, da dor, da corrupção, do feminicídio e da pedofilia. A iniciativa primordial da Igreja que sai de si ao encontro das fronteiras humanas é de curar as feridas com mais comunhão, sinodalidade, misericórdia, esperança e o cuidado de transformar as relações humanas da passividade à ação que humaniza. Os asseclas eclesiásticos acreditam que o clericalismo, o carreirismo, o poder moralista e a manutenção da doutrina são o único caminho para a Igreja existir. Assim, se desenvolve a pastoral como *comodities* religiosas.

A Igreja nesta mudança de época pandêmica, acelerada pelos efeitos danosos da globalização da indiferença (LS 102), mas movida por uma espiritualidade trinitária cria processos que rompem com a enfermidade eclesial e social, e parafraseando Dom Joaquim Mol “com mais carisma evangélico, mais misericórdia, mais diálogo, mais comunhão, mais amor, mais tolerância, mais humanidade, mais cuidado” e mais abertura aos sopros do Espírito Santo. Ela é mais pneumatológica e espiritual porque é mais encarnada e inclinada, usando a ânfora do lava-pés para curar as relações feridas pelas doenças do vírus do pecado.

Enquanto a Igreja mitrada-clerical-devocionista está preocupada com sua autopreservação organizacional rançosa, resiste ao profetismo, ao diálogo com os crentes e não crentes, acabando ela mesma adoecendo. A comunidade de fé mais espiritual e mística não se preocupa em arrumar os armários das mitras, cálices, casulas, estolas, livros de caixa, cestas de coletas, mas sim com o querigma que acende a esperança de discípulos e discípulas atentos à escuta da Palavra e preocupada com a práxis do amor cristão.

A fé cristã tem por vocação construir pontes, principalmente nesse momento pandêmico que anseia por diálogos transformadores. A Igreja “em saída” diante do paradigma tecnocrata, juntamente, com a globalização da indiferença (LS 101) questiona como o ser humano pode dialogar para superar as enfermidades, violências e ameaças causadas por esse ritmo desumanizador. A proposta é de ir ao encontro desses anseios humanos criando através do diálogo entre religiões, culturas, não crentes, chefes de estados, movimentos sociais, a oportunidade de estabelecerem pontes para buscarem o bem comum. Essa iniciativa é a possibilidade pela cultura do encontro de uma humanidade fraterna e solidária.

A Igreja necessita abandonar a sua autorreferencialidade e confrontos estéreis para fecundar pelo diálogo o futuro da humanidade nas suas diferenças de pluralidade política, cultural e social. Tratando-se de construir pontes que possibilitem ir ao encontro capaz de proteger a vida humana e da natureza com as suas questões de fronteiras migratórias, de pobreza, descarte, ambiental, social, climáticas, culturais, éticas e espirituais. A pandemia do

coronavírus expressa uma única crise que precisa ser superada: da falta de diálogo fraterno e solidário na humanidade.

Sair para construir pontes é ter a parresia de possibilitar o desenvolvimento humano pelo despertar da posição contínua de impávidos, diante de um mundo doente. A construção de pontes é assumir com suporte e paciência apostólica (EG 24) um diálogo em direção aos que mais sofrem esses efeitos: os pobres e descartados. As vidas e a natureza precisam que todos se unam para preservar as gerações futuras dos efeitos danosos do descarte de escolas intolerantes. Será favorecer um olhar solidário que permita encontrar respostas criativas diante do sofrimento com dinâmicas capazes de incluir, cuidar e aliviar os sofrimentos humanos, principalmente, dos mais pobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fundamento da fé é irradiar e proclamar pelo testemunho, a prática do amor misericordioso que precisa *primeirar* à proximidade evangélica. O testemunho vivencial do Papa Francisco motiva soprar as brasas da Igreja, para que elas ardam e resgatem o frescor original de uma Igreja envelhecida pelo carreirismo eclesiástico. Ouvir o Espírito Santo e realizar a leitura dos sinais dos tempos exige uma conversão pessoal, pastoral, sinodal, criativa e ousada de cada batizado.

A Igreja misericordiosa tem características femininas do amor entranhado que a possibilita ver, sentir compaixão e cuidar (Lc 10, 25-37). Tratando-se de escutar e envolver-se nas questões que machucam e ferem a dignidade humana, ao invés de uma prática sentimentalista e assistencialista. Ela possibilita a nossa saída de questões eclesiásticas para questões humanas e desfiguradas, como superar as causas da pobreza e dos descartes, conscientizando-as do seu protagonismo na sociedade.

A misericórdia possibilita fazer o coração eclesial arder pela prática generosa de cuidar e escutar o próximo. Essa prática estreita os laços que rompem com preconceitos e rótulos, que impedem as pessoas de sentirem a Igreja e o amor de Deus próximo delas. É preciso reavivar as brasas da Igreja para que ela consiga arder e ser um sinal vivo, tirando as cinzas que tentam apagá-la. As comunidades se tornam missionárias “em saída”, na medida em que elas estejam inseridas nas questões humanas e recuperando o projeto do Reino proclamado por Jesus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev.e ampl. São Paulo: Paulus, 2003.

BORGHESI, M. *O pensamento de Jorge Mario Bergoglio: Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Querida Amazônia*. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulus, 2020.